

**APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ
DISCURSOS E PRÁTICAS ESTÉTICO-SOCIAIS, COMUNICACIONAIS E
EDUCACIONAIS NAS PERIFERIAS DO BRASIL E DO SUL GLOBAL:
sentidos, imaginários e vivências nas margens**

Gilberto Alves Araújo¹
Edmon Neto de Oliveira²
Eliene Rodrigues Sousa³

Gayatri Spivak (2010) conclui, em seu mais famoso ensaio, que via de regra a/o subalterna/o não pode falar, e mesmo que procure fazê-lo não encontrará os meios para se fazer ouvir. Longe de ser um mero construto intelectual com efeito didático, essa realidade de silenciamento apontada pela acadêmica indiana se faz notar e é, em diferentes graus, experimentada por mulheres, negras/os, indígenas, membros da comunidade LGBTI+, surdos, amazônidas/nortistas, nordestinas/os, faveladas/os, inter alia, enquanto desempenham funções sociais de escritor/a, cientista, pesquisador/a, artista em geral, ou mais ainda em uma função social de menor prestígio/visibilidade. Ainda que, do ponto de vista prático, seja inviável o silenciamento total dessas

¹ Doutor em Estudos do Discurso Midiático pela University of the Witwatersrand (WITS). Mestre em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Graduado em Letras-Língua Inglesa e Língua Portuguesa pela UFT. Atua como Associate Researcher na University of the Witwatersrand e como docente-pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Líder do Grupo de Pesquisas LICEPEX (UFPA/UNIFA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3998154651377114> . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8177-0730> . Contato: gilbertoa.araujo@yahoo.com.br .

² Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Estudos Literários pela UFJF. Graduado em Letras - Língua Portuguesa pela UFJF. Atua como professor adjunto na Faculdade de Ciências da Linguagem no campus Abaetetuba (UFPA) e como pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), campus Cametá. Líder do grupo de pesquisa Poetas e Poéticas do Médio Xingu. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6114530440739023>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8585-4328>. Contato: edmon.oliveira@ufpa.br .

³ Doutora em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Mestre em Ensino de Língua e Literatura pela UFT. Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Inglesa pela UFT. Atua como professora de Língua Portuguesa na Secretaria de Educação e Cultura (SEDUC-TO) e realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFNT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5857623231904159>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8701-2677>. Contato: liaelienerodrigues@gmail.com .

vozes marginais, secundarizadas frente aos grandes centros de efervescência cultural/social e científica, o exercício hegemônico do poder, mediante as engrenagens de uma economia da atenção, tende a empurrar para as bordas artefatos e manifestações que não se conformam aos padrões prestigiados em dado espaço-tempo (cf. Jacomel, 2009).

No contexto da produção científica/social, por exemplo, experiências, fenômenos e concepções são frequentemente admitidos, delineados e/ou compreendidos a partir de perspectivas centralizadoras que regem o poder acadêmico nas instituições das regiões mais visibilizadas do país, a saber, o sudeste, o centro-oeste e o sul brasileiro (cf. Silva; Borba, 2018). Por sua vez, em cenário mundial e tanto quanto na Amazônia e no Nordeste/Semiárido, intelectuais marginalizados do Sul Global enfrentam dificuldades para fazer com que as vozes das periferias das cidades e do campo sejam ouvidas e suas vivências cada vez mais visibilizadas, valorizadas como parte dos debates na esfera pública, independentemente dos múltiplos níveis de hierarquia do silenciamento ou das múltiplas/sobrepostas esferas da economia da atenção que recortam a realidade do Brasil e de outras nações desta parte austral do planeta. Isso significa dizer que há desigualdades profundas de poder no que concerne à produção, valorização e visibilidade da produção científica, social e artística mesmo no seio de cada nação austral e de cada região marginalizada em cada um desses países, em especial no Brasil. Assim, é evidente que as vozes de determinados centros/departamentos ou comunidades de investigação e produção artística/social tendem a ser silenciadas ou a obter menos destaque frente aos pares de maior prestígio e poder no mercado social da atenção (cf. Victora; Moreira, 2006).

Nesse sentido, este dossiê performa uma dupla função social. Primeiro, trata-se de trazer à tona as vozes, eventos, artefatos e experiências que nascem nas periferias do país, em especial na Amazônia e no Nordeste/Semiárido, e nas periferias de outras nações deste Sul Global. Segundo, oportuniza-se que pesquisadoras/es que vivem, estudam ou trabalham (n)essas margens, discutam e compreendam as distintas realidades periféricas a partir do lugar em que se encontram, a partir da sua própria

identificação e/ou do seu próprio percurso de vida enquanto subalternas/os em alguma medida, conforme conceitua Spivak (2010), cuja famosa noção metaforizamos aqui como ‘graus de subalternidade’.

Nesses termos, este dossiê acolhe prioritariamente pesquisadoras/es da Amazônia e do Nordeste brasileiros, bem como investigadoras/es de outros países do Sul Global para que, em referência a contextos de marginalização, apresentem trabalhos relativos ao discurso, ao estético, ético, ao imaginário social, às práticas educacionais e/ou comunicacionais das diversas periferias Africanas, Indígenas e Latinas; estejam tais trabalhos relacionados ou não à literatura, artes em geral, mídias, comunicação, letramento, dentre outras dimensões ou objetos. Dito de outro modo, a presente coletânea fomenta uma arena de discussão sobre questões relevantes aos estudos sociais, políticos, linguísticos, discursivos, literários, artísticos, comunicacionais, entre outros, sempre a partir de perspectivas emancipatórias, equitativas, inclusivas e sensíveis à diferença. Tais perspectivas são acolhidas à medida que estão aptas a esquadrihar, dentre outros elementos, as relações de poder que mantêm ou instanciam as diferentes formas de desigualdade que se exercitam ou configuram, em último grau, (n)a realidade periférica desta ou da outra margem do Atlântico Sul.

Como deixa entrever o escritor e rapper Ferréz (pseudônimo de Reginaldo Ferreira da Silva), a produção intelectual/social marginalizada é aquela concebida “por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas” (Ferréz, 2005, p. 12). Construir um fórum de discussão e compreensão dessa produção social e/ou intelectual significa priorizar “a margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional [ou internacional], ou seja, os de grande poder aquisitivo” (Ferréz, 2005, p. 12-13). Removidas, ao menos em parte, as pré-concepções ou os pré-juízos de valor que atravancam o acolhimento e a aprendizagem do que se produz sobre e/ou a partir da margem, há menos sujeição aos padrões estéticos, conceptuais ou de pauta que derivam dos centros metropolitanos de poder.

Assim, através do exercício ainda que parcial da palavra pelas/os subalternas/os (Spivak, 2010), e a despeito do status quo e do prestígio de dado

cânone artístico ou científico/social, a emancipação das subjetividades e experiências periféricas avança em sua efetividade e plenitude. Sem instrumentos ou veículos que, como é o caso deste dossiê, visibilizem debates que se encontram fora da ordem do dia no eixo Sul-Sudeste-Centro-Oeste ou no Norte Global, intelectuais e artistas das periferias brasileiras, latinas, indígenas ou africanas estarão fadadas/os, tal qual os personagens de Lindanor Celina (1994, p. 7), a se reger “por estilos comportamentais que reproduzem e aprofundam o poder dominante”.

Sob essas condições, esta coletânea contemplou trabalhos que se baseiam nas mais distintas vertentes teórico-metodológicas, incluindo, mas não restritas às Ciências Sociais/Políticas, Educação, Comunicação, Linguística (Aplicada), Sociolinguística, Análises do Discurso, Estudos Midiáticos, Estudos Literários, Estudos Culturais, Humanidades, dentre outros macrocampos pertinentes ao debate sobre a construção e funcionamento dos espaços e sociedades periféricas. A partir dessas diferentes áreas, o presente dossiê contribui para a elaboração de um retrato mais sensível, fiel e sociopoliticamente comprometido com as realidades marginais no que tange às práticas comunicacionais, educacionais, artísticas/literárias, dentre outras. Para além de visibilizar a produção artística, social e científica dos e sobre os espaços frequentemente subalternizados em relação a certos circuitos de cultura (acadêmica), este dossiê assegura a relevante e necessária plataforma para que discursos, imaginários, sentidos, experiências, fenômenos e aprendizagens preteridas passem a obter finalmente posição de relevo nas arenas nacional e internacional de debate acadêmico.

Nesse sentido, após seleção rigorosa dos artigos, o dossiê foi organizado a partir de aproximações temáticas entre os articulistas, de modo que sobressaem textos que escrutinam novas práticas educacionais dentro e fora dos contextos escolares, e que refletem, em primeira observação, sobre os significados que podem ser atribuídos ao conceito de humanidade no contemporâneo. Isso implica a reorientação de olhares que se voltam para o consenso de que é preciso um trânsito maior entre as áreas de conhecimento,

esforço que tem levado as instituições de saber a se debruçarem em torno do conceito de transdisciplinaridade e de suas práticas decorrentes.

Exemplo maior de formulação desse conceito talvez esteja em Edgar Morin (2000) que se destacou com a obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, na qual parte de um lugar “indecidível” para se pensar que mesmo o conhecimento científico necessita considerar o caráter provisório da condição humana, de modo a não criar doutrinas racionalizadoras a partir de uma racionalidade que não enxerga seus erros e suas ilusões. A supremacia do conhecimento fragmentado impede que se reúnam e se organizem conhecimentos que põem em evidência a unidade e a diversidade do que é humano e, por consequência, impede que se conheça e se ensine o destino planetário, suas interconexões e opressões históricas. Morin afirma que é preciso que se construa uma “vanguarda ante a incerteza” (2000, p. 16), já que as experiências do século XX provaram que é possível concentrar domínio epistemológico e ausência de ética, sendo necessária uma “cidadania terrestre” que conduza a uma “atropo-ética” (id., p.17).

Consideramos que essa investida transdisciplinar circunscreve o presente dossiê, na medida em que os artigos discorrem não apenas sobre as práticas escolares deste e para este século nas periferias do continente africano e sul-americano, como também enfrentam questões nevrálgicas relacionadas à literatura negro-brasileira e às religiões afro-diaspóricas, aos estudos surdos (deaf studies), e à educação no contexto das tecnologias de informação e comunicação. Por isso, do ponto de vista legal, é importante mencionar as Leis brasileiras nº 10.639/03 e nº 11.645/08, que instituem, respectivamente, o ensino de história e cultura africana e indígena nas escolas, e que são consequência do empenho de pessoas, organizações e movimentos sociais que há muitos anos se mobilizaram para pôr fim à recusa do óbvio: a relevância para o patrimônio cultural das referências que até então estavam relegadas ao esquecimento. Mesmo as tentativas de exaltação, via literatura, incorreram em subtrações e incoerências ético-estético-políticas que justificam os necessários movimentos de afirmação das últimas décadas, que não só reivindicam a tomada de posse das próprias vozes, como também exigem a descolonização

dos corpos e das ideias em um mundo que, embora pós-colonial, está entranhado aos espectros da colonização que não cessa de emitir suas ressonâncias no contemporâneo.

De igual maneira, considera-se relevante ressaltar o cenário dos estudos surdos (*deaf studies*) no Brasil das últimas décadas, que vêm se fortalecendo na esteira da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005, ambos de reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como oficial no país. Trata-se de medida histórica a tentar reparar mais de um século de obscurantismo internacional com relação às comunidades surdas que, a partir do Congresso de Milão em 1880, foram obrigadas a se submeterem ao “oralismo puro” em contextos escolares nos quais as línguas de sinais foram proibidas (cf. PEIXOTO, 2020). Entende-se, portanto, que, embora custoso e fruto de anos de luta e militância, esse aparato legal contribui de maneira significativa para que o “ser surdo” ou “pessoa visual” (id., p. 27) não seja mais visto a partir de uma perspectiva clínica ou deficitária; pelo contrário, reforça-se desde então o aspecto sociocultural e sócio-antropológico da surdez, compreendendo-a, sobretudo, “como presença de algo e não como falta” (Karnopp, 2006, p. 102).

Já no que concerne aos meios digitais, recorreremos à reflexão do professor João César de Castro Rocha no ensaio “O direito à leitura literária” (2022). Ao evocar o clássico texto de Antonio Candido (2011), a tese de Castro Rocha envolve o tempo presente, marcado não só pela infinidade de informações produzidas, como também pela simultaneidade entre os modos de produção do simbólico e a sua recepção. Esse último aspecto é fulcral para João César, já que a “ultradramatização” da vida chegou a tal ponto de radicalidade, que ela exige respostas imediatas à “oferta de ‘drama’ [que] supera em muito a capacidade da recepção” (Castro Rocha, 2022, p. 42). Por isso, o conceito de “leitura literária” passaria, num primeiro momento, assim como no autor de *Literatura e Sociedade*, por uma ampliação de seus princípios definidores, para, em seguida, engajar-se “num exercício de descentramento e de abertura ao outro” (id., p. 44). Isso seria possível a partir da projeção da tríade candidiana “autor/obra/leitor”, que forma o sistema literário proposto por aquele, num sistema de comunicação propriamente midiático, e que já se encontra

colapsado pelo advento da tecnologia digital. Justamente por isso é que a leitura literária é a aposta de João de César de Castro Rocha, porque ela reintroduz a “defasagem temporal” entre ato, transmissão e interpretação, sem a qual a desumanização da polis seria o próximo passo.

O primeiro artigo do dossiê, intitulado “(Re)imaginar uma educação a partir das margens: sentidos da escola no tempo presente”, reflete sobre a centralidade das vozes presente em pesquisas em âmbito educacional, questionando sobre quais são os processos educacionais que excluem/incluem seus sujeitos. A partir de perguntas norteadoras, como “Quais as dimensões da vida cotidiana são invisibilizadas e silenciadas?” e “Quais narrativas educacionais estamos construindo para adiar o fim do mundo?”, **Luís Paulo Cruz Borges (UERJ-CAp)** e **Paula Almeida de Castro (UEPB)** acreditam que, por meio dos afetos, criam-se sentidos/conhecimentos que são emancipatórios e insurgentes nos processos educacionais, e que agem contra as desigualdades socioeducacionais, exclusões e opressões de raça/cor, gênero e sexualidade, credo e religiosidade, classe, entre outros marcadores.

Em “Retratos literários das favelas do Zimbábue: perspectivas sobre cidade e humanidade em Christopher Mlalazi”, **Gilberto Alves Araújo (WITS)** analisa três contos da obra *Dancing with Life: tales from the township* (2008), do escritor zimbabuano Christopher Mlalazi, desvelando movimentos duplos nos quais a geo-construção da favela zimbabuana não só refrata as condições de seus moradores, mas também afeta sua psique, sua cultura, seus modos de organização e de existência. Já em “TECENDO RESISTÊNCIAS LGBTQIAPN+ NA EDUCAÇÃO: a construção de atos de currículo na cibercultura contra os silenciamentos.”, de **Manuela Carvalho Rodrigues (UFPA)** e **Leonardo Zenha (UFPA)**, parte-se da perspectiva de professora-pesquisadora-formadora para questionar o currículo e discutir sobre a “questão queer” no cotidiano do espaço escolar, criando atos de currículo, tecendo ações de resistência, contribuindo para a autoformação e formação de estudantes a partir do uso das mídias digitais.

Na sequência, dois artigos encontram-se no campo dos estudos surdos (deaf studies). O primeiro deles, “The ASL as a motivational resource in English

classes for deaf students: for a critical and representative literacy”, de **Jorge Adriano Pires Silva (UFC)**, **Carolina Morais Ribeiro da Silva (UFC-CCB)** e **Josiney Saraiva Pereira (SEDUC-TO)**, tem como foco o desafio do letramento de pessoas surdas em uma terceira língua, a saber, a língua inglesa, cuja metodologia envolveu a análise de questionários e entrevistas aplicados aos alunos, procurando desenvolver neles habilidades de compreensão e aquisição de vocabulário por meio de uma aprendizagem multimodal. O segundo, intitulado “Eu surdo: reflexões sobre a não marcação copular na escrita em português”, assinado por **Silvana Alves Cardoso (UESPI)**, evidencia a inexistência dos verbos copulares (verbos de ligação) em Libras enquanto particularidade linguístico-estrutural dessa língua, espontaneamente refletida nos textos escritos em português produzidos por estudantes surdos.

A escritora Conceição Evaristo é objeto dos próximos dois artigos. Através de “Desvelando os silêncios: narrativas, sonhos e resistência de mulheres negras periféricas” **Franciely Alves Sales (SEMAS/Vitória-ES)** e **Jacyara Silva de Paiva (UFES)** analisam, na obra da autora mineira, como o silêncio tem sido historicamente imposto às vozes do povo negro, principalmente às mulheres, e como isso impacta suas narrativas e representações na sociedade. Em “A representatividade da mulher negra na literatura brasileira na perspectiva da obra de Conceição Evaristo Olhos d’água”, por sua vez, **Eliene Rodrigues Sousa (SEDUC-TO/UFT/UNITINS)** e **Raquel Vieira dos Santos (UNITINS)** perspicazmente discutem os preconceitos representados através das personagens evaristianas, e chegam à conclusão de que a escritora tanto contribui dando voz a experiências vividas por mulheres negras, quanto fortalece o movimento feminino negro, que luta por igualdade social, racial e de gênero. Por fim, em “Construindo pontes em vez de muros: explorando as experiências de duplo engajamento religioso”, **Antônio Mabongo (MINEDH/Moçambique)**, a partir das comunidades do distrito de Mandlakazi, sul de Moçambique, reflete sobre lições que a articulação entre cristianismo e religiões ancestrais africanas podem oferecer para a construção de relacionamentos pacíficos e harmoniosos entre pessoas de culturas e crenças religiosas diferentes.

Ora, as margens de alguma forma tematizadas nesse conjunto de trabalhos, sejam estas relativas às esferas de debate acadêmico ou à produção estético-literária e artística, instanciadas no silêncio e na invisibilidade, emergem como espaços cruciais de oposição, criação e resignificação. Nesta contemporaneidade, marcada por uma economia da atenção que centraliza olhares e recursos em determinados polos hegemônicos, torna-se imprescindível compreender as dinâmicas que operam nas periferias e como elas desafiam essas estruturas. Este dossiê, ao colocar em foco discursos e práticas das periferias do Brasil, de Zimbábue ou Moçambique, apresenta-se como um veículo de contranarrativa, oferecendo uma plataforma para que vozes historicamente subalternizadas ocupem, em alguma medida, o centro das discussões investigativas e sociais, sobretudo quando se considera a relevância que uma revista como a Periferia-UERJ possui no cenário da divulgação científica nacional e internacional.

A economia da atenção, conceito que descreve a disputa em torno da captura e retenção do foco das pessoas em um cenário de excesso de informações (Simon, 1996), muitas vezes relega as produções das periferias a um espaço secundário ou mesmo inexistente. A lógica hegemônica dos grandes centros culturais e econômicos globais privilegia representações que reforçam padrões dominantes (ver. Hall, 2013), perpetuando assimetrias de visibilidade e poder. No entanto, as margens não apenas sobrevivem a esse apagamento, mas criam formas inovadoras de expressar suas vivências e reconstruir imaginários.

O presente dossiê justifica-se como um esforço acadêmico e político para amplificar essas vozes, proporcionando um espaço onde as práticas educacionais, artísticas e comunicacionais possam ser analisadas a partir de suas próprias raízes periféricas, tanto quanto possível. Tal esforço não é apenas uma resposta ao silenciamento imposto pelas endentações da economia da atenção (cf. Foucault, 2008), mas também um movimento de reconhecimento, registro, historicização e reconstrução dos saberes e práticas que constituem as identidades de comunidades marginalizadas.

Nas periferias do Brasil, por exemplo, práticas educativas têm desafiado currículos tradicionais ao incorporar saberes locais e dinâmicas comunitárias (cf. hooks, 2017). Este dossiê destaca como esses esforços ressignificam o papel da educação ao conectá-la à realidade social e cultural das/os estudantes, promovendo aprendizagens significativas e emancipadoras, baseadas no diálogo e no reconhecimento dos saberes populares (cf. Freire, 2016).

Da mesma forma, as manifestações artísticas periféricas, como o rap, o grafite e a literatura marginal, oferecem contranarrativas que afrontam discursos dominantes (cf. Bhabha, 1994). A literatura de Conceição Evaristo, por exemplo, é abordada neste dossiê enquanto exemplo de como vozes negras femininas têm resistido ao apagamento histórico, revelando as complexidades e a riqueza das experiências vividas nas margens (cf. Gonzalez, 2020). Ao visibilizar essas narrativas, este dossiê também contribui para uma economia da atenção mais equitativa.

No campo das práticas comunicacionais, observa-se como as mídias digitais têm sido utilizadas como ferramentas de resistência e construção de identidades nas periferias (cf. Castells, 2009). Esta coletânea explora como as redes sociais, por exemplo, têm permitido que comunidades marginalizadas articulem suas demandas e reivindiquem espaços de fala. Esses movimentos são essenciais para subverter a lógica excludente da hegemonia da atenção, mostrando que as margens também podem ser centros de renovação e mudança.

Ao conectar experiências de diferentes países e regiões, este dossiê aprofunda a compreensão sobre as múltiplas formas de cooperação, enfrentamento, negociação e criação que emergem das margens. Essas conexões permitem que se estabeleça uma ecologia dos saberes (cf. Anzaldúa, 2012), onde diferentes epistemologias podem coexistir e dialogar em pé de igualdade.

Ressignificação da economia da atenção requer, portanto, uma abordagem que privilegie a transdisciplinaridade e a inclusão (cf. Morin, 2007). Este dossiê exemplifica como isso pode ser feito ao integrar análises de diferentes práticas estéticas, educacionais e discursivas, oferecendo um retrato

abrangente das dinâmicas que operam nas periferias. Mais do que isso, ele aponta caminhos para que a academia e a sociedade reconheçam e valorizem as contribuições dessas comunidades, transformando esferas públicas de debate em espaços verdadeiramente inclusivos, e não somente plurais.

O presente dossiê se constitui, portanto, como lugar de partilha e de publicização de estudos, sentidos e vivências experimentadas no âmbito das favelas e guetos, campos e assentamentos, florestas e rios, fazendo jus ao que bem nos ensina outro poeta marginal, Sérgio Vaz: “Quanto a nós, Capitães da areia e amados por Jorge, não restou outra alternativa a não ser criar o nosso próprio espaço para a morada da poesia. [...] Guerreiros e guerreiras de todos os lados e de todas as quebradas vêm comungar o pão da sabedoria que é repartido em partes iguais, entre velhos e novos poetas sob a bênção da comunidade” (Vaz, 2011, p. 35).

Uma ótima leitura a todas/os!

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. 4. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

BHABHA, Homi K. *The location of culture*. London: Routledge, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Outro sobre azul, 2011.

CASTELLS, Manuel. *Communication power*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

CASTRO ROCHA, João César. O direito à leitura literária. In: PINHEIRO, Marta Passos et. al. (Org.) *Linguagens e tecnologias: arte, ensino e edição*. Presidente Prudente: CNPq Conte, 2020, p. 34-58.

CELINA, Lindanor. *Eram seis assinalados*. Belém: CEJUP, 1994.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. São Paulo: Pallas, 2014.

FERRÉZ. Terrorismo literário. In: FERRÉZ (org.). *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. São Paulo: Agir, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. *Representation: cultural representations and signifying practices*. 2. ed. London: SAGE, 2013.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque. Relações de poder e a literatura brasileira. *Revista Grifos*, v. 18, n. 26, p. 7-16, 2009.

KARNOPP, Lodenir. Literatura surda. *ETD - Educação temática digital*, v. 7, n. 2, p. 98-109, 2006.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Distrito Federal: Unesco, 2000.

PEIXOTO, Janaína Aguiar. *A tradição literária no mundo visual da comunidade surda brasileira*. João Pessoa: CCTA, 2020.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; BORBA, Carolina dos Anjos de. Políticas Afirmativas na Pesquisa Educacional. *Educ. Rev.*, Curitiba, v. 34, n. 69, p. 151-191, 2018.

SIMON, Herbert A. *The sciences of the artificial*. 3. ed. Cambridge: MIT Press, 1996.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Can the subaltern speak?*. In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence. *Marxism and the interpretation of culture*. London: Macmillan, 1988. p. 271-313.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VAZ, Sérgio. Literatura das ruas. In: VAZ, Sérgio. *Literatura, pão e poesia*. São Paulo: Global, 2011.

Publicado em: 16/12/2024